

SEMÂNTICA CULTURAL: UM ESTUDO ACERCA DA ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS ÀS PALAVRAS E EXPRESSÕES DA LÍNGUA

CULTURAL SEMANTICS: A STUDY ABOUT THE ASSIGNMENT OF SENSES TO WORDS AND LANGUAGE EXPRESSIONS

Núbia Régia de Almeida¹
Dieysa Kanyela Fossile²

RESUMO: Neste artigo, pretendemos demonstrar que os aspectos culturais de uma comunidade linguística influenciam na atribuição de sentidos às palavras e às expressões de uma língua. Para isso, adotamos estudos que remetem à Semântica Cultural. Desse modo, utilizamos como aporte teórico estudos de Eagleton (2005), Chauí (1995), Ferrarezi (2013, 2008), Fossile (2013), Oliveira (2009), Garcia (2001), entre outros. Este estudo é de ordem bibliográfica e a abordagem é de caráter qualitativo, tendo em vista que promovemos um diálogo entre diversas informações teóricas ancoradas à Semântica Cultural e a exemplos elucidativos. Partimos da premissa de que o par cultura vs. língua estabelece uma relação concomitante e são elementos indissociáveis na constituição dos sentidos que são submetidos às palavras e às expressões da língua. No que tange à Educação Básica, concluímos que a Semântica Cultural contribui para o ensino da língua materna, valorizando, principalmente, os aspectos linguístico-culturais que o discente traz consigo.

Palavras-chave: Semântica Cultural; Atribuição de sentidos; Ensino.

ABSTRACT: In this article, we intend to demonstrate that the cultural aspects of a language community, which influence the assignment of meaning to words and expressions of a language. For this, we have adopted studies that refer to Cultural Semantics. Thus, we use as the theoretical contribution studies of Eagleton (2005), Chau (1995), Ferrarezi (2013, 2008), Fossile (2013), Oliveira (2009), Garcia (2001), among others. This study is a bibliographic order and the approach is qualitative, in order to promote a dialogue between different theoretical information anchored to the Cultural Semantics and clear examples. We start from the premise that the pair, culture vs. language establishes a concomitant relationship and are inseparable elements in the constitution of the senses that are subjected to words and to language expressions. With regard to the basic education, we conclude that the Cultural Semantics contributes to mother-tongue teaching, mainly valuing linguistic and cultural aspects that the student brings with itself.

Keywords: Cultural Semantics; Assigning meanings; Teaching.

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT)

² Universidade Federal do Tocantins (UFT)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Através desta pesquisa, com o auxílio de exemplos elucidativos, objetivamos analisar, discutir e, principalmente, demonstrar como aspectos culturais de uma comunidade linguística podem interferir na constituição e na compreensão de sentidos de palavras e de expressões da língua. Também procuramos, por meio deste estudo, averiguar o que pode levar uma mesma palavra de uma mesma língua a ter significados dissemelhantes ou variados. A partir daí, objetivamos discutir de que forma um professor da Educação Básica poderá abordar, em sala de aula, este assunto, que diz respeito a questões acerca dos aspectos linguísticos e culturais, visando contribuir com a formação acadêmica dos discentes.

Como aporte teórico-metodológico de análise, mobilizamos autores como Eagleton (2005), Chauí (1995), Willians (2007) que desenvolvem estudos relacionados ao conceito de *cultura*. Também utilizamos as pesquisas de Bakhtin (2006) e Ferrarezi Jr. (2013) para discutirmos sobre *língua*. Para compreendermos a questão do *sentido* adotamos os estudos de Ferrarezi Jr. (2008) e Fossile (2013). Já a Semântica Cultural (doravante SC) foi discutida a partir dos trabalhos desenvolvidos por Ferrarezi Jr. (2013, 2008) e Garcia (2001).

Além das considerações iniciais e das considerações finais, este estudo está dividido em mais três partes. Na primeira seção, fazemos uma abordagem sobre os conceitos de cultura e de língua, considerando-os como interdependentes, isto é, a cultura alimenta a língua, que, por sua vez, é o canal de transmissão da cultura de um povo (FERRAREZI JR., 2013, p. 74). Na segunda, discutimos o conceito de SC. Na última seção, demonstramos, por meio de exemplos reais, que a SC desempenha um papel fundamental para entendermos como os sentidos são atribuídos às palavras e às expressões da língua. Também objetivamos demonstrar que a SC pode trazer contribuições para as aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica, principalmente, quando discussões acerca dos sentidos das palavras e das expressões da língua forem realizadas.

DISCUTINDO CONCEITOS: CULTURA, LÍNGUA E SENTIDO

Com base nos estudos de Willians (2007, p. 117) e Eagleton (2005, p. 10), *cultura* é uma de palavra de origem latina, deriva da base semântica *colore*, que apresenta variados significados tais como cultivar, habitar, proteger, adorar. A princípio, conforme Eagleton (2005, pp. 9-10), o significado de cultura estava ligado a questões materiais; mais tarde, o termo foi transferido, metaforicamente, às questões do espírito, ou seja, passou a cultivar (i) a divindade e a transcendência, que eram exibidas pelos hábitos religiosos; (ii) as verdades sagradas e a arte sublime de um povo, as quais deveriam ser protegidas e respeitadas. Essa mudança semântica do termo *cultura* deve-se a fatores históricos relacionados à própria mudança da humanidade que transitou de um meio rural para um meio urbano.

Ainda de acordo com Eagleton (2005, p. 54), *cultura* pode ser compreendida como um conjunto de valores, costumes, crenças e práticas que constitui a maneira de viver de um grupo específico, de uma determinada sociedade. Esse conjunto é o responsável por gerar o conhecimento implícito que permite aos indivíduos negociar e renegociar modos apropriados de agir em contextos específicos. Eagleton (2005, p. 184) acrescenta

ainda que a “cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual [...]”. Nesse sentido, devemos tomar a *cultura* como sendo acumulativa, pois, ao longo da vida, esses conhecimentos são adquiridos, negociados, renegociados e partilhados com outros indivíduos da comunidade, gerando novos conhecimentos, sentimentos e experiências que formarão a cultura de um indivíduo, de um grupo, de um povo.

Portanto, tomamos o conceito de *cultura* como invenção coletiva de valores, ideias, sentimentos e comportamentos compartilhados pelos sujeitos de um grupo social (CHAUÍ, 1995, p. 81). Ao mesmo tempo em que a língua constitui a cultura, essa é difundida pela língua. Por isso, cultura e língua são conceitos interdependentes. Nesse sentido, Ferrarezi Jr. (2013, p. 74) explicita que “a língua precisa ser entendida como um sistema aberto, que se alimenta e retroalimenta da própria relação do homem com esses mundos”. Para o autor (2013, p. 74, grifos do autor), “[...] cultura [...] é muito mais do que a *erudição* e os *clássicos*: é, antes, toda a construção emanada da mente humana, seja materializada na forma de objetos ou ações, seja apenas na forma de pensamento [...]”.

A *língua* não é simplesmente transmitida ao homem, mas é formada a partir de um processo evolutivo contínuo. Nesse processo, os indivíduos precisam penetrar na corrente da comunicação verbal e adquirir o conhecimento da língua para poder operá-la ou usá-la (BAKHTIN, 2006, p. 109). Desse modo, entende-se que a língua não está pronta e acabada, uma vez que é adquirida pelos indivíduos de uma comunidade social por meio de um processo contínuo de construção, que se dá através do seu uso. A língua possibilita a interação socialmente e com isso possibilita também o compartilhamento de culturas, crenças, ideologias e pensamentos.

“[...] *uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos*” (FERRAREZI JR., 2008, p. 23, grifos do autor). É por meio de seu uso dentro de um contexto social e cultural que ela adquire sentido. Ferrarezi Jr. (2008), na obra *Semântica para a Educação Básica*, apresenta a concepção da Semântica de Contextos e Cenários voltada aos estudos da SC. Essa concepção orienta que “a semântica é a ciência que estuda as manifestações linguísticas do significado” (FERRAREZI JR., 2008, p. 21). Fossile (2013, p. 399), ao realizar um estudo sobre as concepções de significado e de sentido,³ afirma com base em estudiosos como Oliveira (2003, p. 17) que não existe “[...] consenso entre os semanticistas sobre o que se entende por significado”. Essa falta de entendimento entre os teóricos sobre o que é significado contribuiu para o surgimento de várias vertentes da Semântica. Como o objetivo deste estudo não é chegar a uma conformidade sobre as concepções de significado e de sentido, optamos por considerar, neste texto, sobre esse assunto, os estudos de Ferrarezi Jr. (2008). Portanto, de acordo com o autor, o *significado*:

[...] é visto como aquilo que é cognitivamente ativado pela linguagem no nível neurológico. [...] os sentidos [...] são as manifestações linguísticas do significado [...] são sempre construídos em função do conjunto de informações culturais do falante e de sua comunidade [...] (FERRAREZI, 2008, p. 22).

³ Fossile (2013) apresenta concepções sobre o assunto com base em estudiosos como Tamba (2006); Lerat (1983); Lyons (1978); Oliveira (2003), Ferrarezi Jr. (2008).

Dessa maneira, os sentidos podem ser compreendidos como,

[...] pontes que fazem a ligação entre os sinais mais próprios da língua (sons na forma de palavras e de melodias entonacionais), os sinais de natureza estritamente gramatical (morfologia e ordem) e os outros sinais adotados como pertinentes no processo de comunicação (como o aparato gestual entre outros elementos significativos do processo de enunciação) e os elementos e eventos dos mundos que são representados pela língua. Na verdade, cada sentido é composto por um conjunto de traços de significado culturalmente construídos, atribuídos e relevantes para uma comunidade, que esta mesma comunidade utiliza para fazer representar, por meio de sinais, os elementos e eventos de um mundo qualquer (FERRAREZI JR., 2008, p. 22).

Conforme as palavras de Ferrarezi, a construção de sentidos por meio das manifestações linguísticas dos falantes acontece mediante informações culturais, que são construídas e compartilhadas por esses falantes para representar o mundo. Normalmente, a palavra é o sinal mais utilizado para fazer essa representação. Bakhtin explicita que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” (BAKHTIN, 2006, p. 107). Parece-nos que isso representa um desafio para os estudos da SC, pois algumas vezes o pesquisador deve ou precisa conhecer a cultura de uma comunidade linguística para compreender os sentidos das palavras utilizadas por essa comunidade em um contexto específico. Na próxima seção, faremos uma explanação acerca da SC.

SEMÂNTICA CULTURAL (SC)

No âmbito da Linguística, estudos que envolvem aspectos culturais vêm sendo desenvolvidos desde o século XX. Como exemplo, podemos citar os estudos do círculo de Bakhtin, que defendiam a influência da cultura na constituição e no uso das línguas naturais (FERRAREZI JR., 2013, p. 71). Embora esses estudos já existissem, não havia metodologias linguísticas específicas e esclarecedoras para mostrar a influência da cultura na língua, e vice-versa. Desse modo, Ferrarezi Jr. (2013, p. 72) explicita que havia

[...] uma mistura de Linguística com Filosofia, Antropologia, Sociologia, Psicologia, História (e todas as demais ciências que pudessem contribuir com a compreensão da construção linguística e sua relação com a própria construção da cultura e com o comportamento da comunidade de falantes).

Recentemente, uma vertente da Semântica denominada SC tem se empenhado em realizar estudos que visam mostrar a importância e a interferência dos aspectos culturais na constituição dos sentidos das palavras e expressões da língua de um grupo de falantes. É importante salientar, conforme estudos de Ferrarezi (2013, pp. 72-73), que aspectos culturais de um grupo linguístico não influenciam apenas na atribuição de sentidos a uma palavra da língua, mas também podem interferir na estrutura gramatical da língua. Ferrarezi Jr. (2010, p. 81) defende que “[...] se alguma relação há entre palavras e sentidos, essa relação é cultural, atribuída pelo habitus linguístico, por costumes e não por propriedades das palavras ou dos sentidos”. Para ilustrar essa posição de Ferrarezi Jr., apresentamos, a seguir, com base nos estudos do autor (2008, 2010, 2013), dois exemplos.

Exemplo (1)

Ao ouvirmos alguém dizer, *Pedro perdeu o dado...*,⁴ imediatamente, imaginamos que Pedro perdeu aquele objeto cúbico usado, por exemplo, em jogos de dominó. Isso ocorre porque, costumeiramente, ao ouvirmos a palavra dado, remetemos o nosso pensamento a esse objeto. Mas, ao ouvirmos a sentença completa, Pedro perdeu um dado metafórico de sua pesquisa em linguística, verificamos que não se trata do mesmo dado. Nesse caso, trata-se de um sentido especializado. A palavra dado, no contexto do enunciado, refere-se aos achados obtidos pelo pesquisador, na realização da sua pesquisa. Concordamos que em uma comunidade científica, em um espaço acadêmico, esse sentido é resgatado facilmente, por fazer parte do *habitus linguístico* dessa comunidade de falantes.

Os fraseologismos conhecidos também como expressões idiomáticas, clichês, frases feitas, ditos/ditados populares são bons exemplos para mostrar que a relação que existe entre palavras e sentidos está ligada a questões culturais.

Uma expressão idiomática se constrói quando uma dada composição de palavras utilizada em uma comunidade de fala se cristaliza e adquire um sentido coeso e diverso daquele costumeiramente atribuído às mesmas palavras, mesmo que combinadas de uma mesma forma, mas em outro contexto [...] (FERRAREZI JR., 2008, p. 193).

Por isso, as expressões idiomáticas, por lidarem com os contextos culturais específicos de determinadas comunidades linguísticas, constituem-se em grandes desafios para a tradução (FERRAREZI JR., 2008, p. 193-194; OLIVEIRA, 2009, p. 41). No que se refere ao uso de fraseologismos, imaginemos a seguinte situação:

Exemplo (2)

Um empresário estrangeiro, bem sucedido, chega ao estado do Tocantins com o objetivo de conhecer o Jalapão.⁵ Na hora de acertar o preço do passeio com o funcionário de uma empresa de turismo local, o empresário estrangeiro, querendo economizar, reclama do valor. Então, o funcionário da agência de turismo diz: - *O que é isso? O senhor está chorando de barriga cheia!*

Diante da situação apresentada, será que esse empresário, ou melhor, esse turista estrangeiro, conseguiria compreender o sentido do fraseologismo *chorando de barriga cheia*? Provavelmente, essa expressão causaria estranheza ao estrangeiro, impedindo que ele alcançasse o verdadeiro sentido da expressão em questão. Conforme nossa cultura, sabemos que o funcionário, ao utilizar esse fraseologismo, quis dizer que (i) o estrangeiro está reclamando sem motivos; (ii) o preço do passeio estava acessível e de acordo com o valor de mercado; (iii) o empresário possuía dinheiro e não deveria reclamar por pouca coisa. Para o vendedor, essa expressão, por possuir um sentido

⁴ Os exemplos: "Pedro perdeu o dado..." e "Pedro perdeu um dado metafórico de sua pesquisa em linguística" foram inspirados em exemplos que estão nas obras de Ferrarezi Jr. (2010, p. 81; 2008, pp. 27-28).

⁵ O Jalapão é um lugar muito procurado pelas pessoas que gostam de praticar o ecoturismo e o turismo de aventura. Essa região fica localizada no estado do Tocantins, em plena mata de transição entre o cerrado e a caatinga, predominando uma vegetação rasteira semelhante às savanas. O local também é contemplado por cachoeiras, rios de águas cristalinas, grandes chapadas e formações rochosas de cores e formas diversificadas. Neste lugar, destacam-se dunas de areias douradas, com aproximadamente 30/40 metros de altura. Disponível em: <<http://portal.to.gov.br/turismo-no-tocantins/jalapao/>>. Acesso em: 18/ago/2015.

cristalizado na cultura brasileira, tinha um sentido claro; já para o estrangeiro, a expressão poderia não ser tão clara (cf. OLIVEIRA, 2009, p. 43).

Os brasileiros utilizam com frequência a expressão idiomática *chorar de barriga cheia*. Será que sabem de onde vem essa expressão? De acordo com a pesquisa realizada,⁶ a mesma surgiu quando foi negado a D. Pedro I, filho de D. João VI, o pedido de ter um bezerro no palácio imperial. O menino de aproximadamente nove anos estava acostumado a ter todos os seus desejos realizados, ao ver que não ganharia o bezerro; reclamou, pirraçou, chorou, e seu conselheiro, irritado com sua atitude, revidou: - *Pare de chorar de barriga cheia*. A partir desse episódio, essa expressão passou a ser utilizada, e continua sendo adotada pelos falantes até os dias de hoje, para chamar a atenção de alguém que está reclamando sem motivos. O sentido dessa expressão idiomática já se cristalizou na cultura do povo brasileiro. Expressões desse tipo podem ser entendidas como “[...] metáforas que surgem disfarçadas, já desgastadas pelo uso [...]” (MOURA, 2012, p. 12). Portanto, o uso dessa expressão entre os falantes da língua portuguesa, que moram no Brasil, é frequente e conhecido. Entretanto, falantes de outra(s) língua(s), que não conhecem bem essa expressão, podem não compreendê-la ou até mesmo utilizá-la de forma equivocada.

Através desse exemplo, verificamos que:

um dos estudos semânticos mais fascinantes em uma teoria que dá relevância aos aspectos culturais envolvidos em uma língua natural [...] é o estudo das expressões idiomáticas e das frases feitas [...]. Nessas expressões há significativo registro do desenvolvimento cultural da comunidade que as usa. [...] justamente pelo fato de que, além de um sentido costumeiro que lhes é associado, elas possuem uma história de construção, que provoca nos falantes nativos sensações, nuances de sentido [...] (FERRAREZI JR., 2008, p. 193).

Na SC, os estudos são realizados em uma perspectiva que visa compreender “a relação entre os sentidos atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a cultura em que essa mesma língua está inserida” (FERRAREZI JR., 2013, p. 71, grifos do autor). A SC se preocupa em compreender o como, o porquê e o grau de interferência dos aspectos culturais na construção e na compreensão dos enunciados das línguas naturais.

Até o momento, verificamos que a SC tem muito a contribuir com a Educação Básica. Por exemplo:

o estudo das expressões idiomáticas e das frases feitas de uma comunidade é um profundo mergulho em sua cultura e na evolução de suas expressões linguísticas. Tal estudo revela muito sobre a visão de mundo daquela comunidade e é capaz de despertar nos alunos um profundo prazer e um grande interesse sobre essas questões de natureza identitária. Além disso, se bem conduzido, esse tema de estudo desperta nos alunos a convicção de que seu modo de falar não é fortuito, nem tolo, nem feio, mas o resultado de um complexo trabalho de construção histórico-cultural que deve ser compreendido, valorizado e resguardado (FERRAREZI, 2008, pp. 194-195).

Por meio da SC, o docente terá a possibilidade de levar o aluno a perceber a relação que existe entre a sua cultura e a sua língua. Isso, possivelmente, aproximará os alunos das aulas de Língua Portuguesa (cf. FERRAREZI Jr. 2013, p. 75).

⁶ Disponível no site: <http://www.culturamania.com.br/?page_id=3999>. Acesso em 15/ago/2015.

SEMÂNTICA CULTURAL, EXEMPLOS ELUCIDATIVOS E ENSINO

Conforme apresentado na introdução deste artigo, nesta seção, pretendemos demonstrar, com o auxílio da SC e a partir de exemplos reais e usuais da língua, que aspectos culturais podem interferir e influenciar na constituição dos sentidos que são atribuídos às palavras e às expressões da língua. Além disso, pretendemos demonstrar que a SC pode trazer contribuições para as aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Para tanto, selecionamos quatro exemplos que visam demonstrar a importância do conhecimento cultural e/ou histórico-cultural para a compreensão dos sentidos, que são submetidos às palavras e/ou às expressões da língua, em determinados contextos.

Exemplo (3)

A palavra *operculina*, culturalmente, é conhecida como *batata-de-purga*. *Operculina* é uma planta utilizada como um medicamento natural. Essa planta produz em sua raiz tubérculos em forma de batatas, que são utilizados como laxantes; por isso, culturalmente, tem o valor semântico de *purgante*. Devido a esse benefício medicinal purgativo, as populações de regiões interioranas do Brasil, principalmente as que vivem no sertão, recorrem, quando necessitam, a esse medicamento natural, pois essas pessoas não têm acesso fácil a médicos e às farmácias. Dessa maneira, concluímos que essas comunidades vivenciaram, experimentaram os efeitos purgativos da *operculina*, e a partir daí, atribuíram a essa planta o sentido de purgante, laxante. Isso significa que os aspectos culturais, as crenças, as experiências vivenciadas por essas comunidades linguísticas contribuíram na formação e influenciaram na seleção do(s) sentido(s) submetido(s) à palavra *operculina*.

Exemplo (4)

Ferrarezi Jr. (2012, p. 73) apresenta uma abordagem bem interessante a respeito da palavra *goiabeira*.⁷ Com base nas informações apresentadas pelo autor, *goiabeira* também é conhecida pela expressão *trava-ventre*. Você deve estar curioso e deve estar se perguntando, por que a goiabeira é também chamada de trava-ventre, não é? Tal como no exemplo anterior, essa expressão deriva da experiência de vida das comunidades interioranas do Brasil, que viviam (ou ainda vivem) distante dos centros comerciais, e não tinham (tem) acesso fácil a médicos e farmácias; logo, para combater uma diarreia recorriam (recorrem) ao fruto e às folhas da goiabeira. Desse modo, observamos que goiabeira passou a ter, culturalmente, o valor semântico de *trava-ventre*.

Diante da abordagem realizada acerca dos exemplos (3) e (4), concluímos que questões culturais, crenças e experiências vivenciadas pelas pessoas, que fazem parte de uma comunidade linguística ou de uma região, interferem na atribuição de sentidos às palavras da língua.

Outro fenômeno interessante, que é discutido pela SC, diz respeito aos estudos que visam compreender como uma mesma palavra de uma mesma língua funciona com um sentido “x” em um grupo de falantes e com um sentido “y” em outro(s) grupo(s)

⁷ Árvore que produz o fruto conhecido como goiaba

de falantes. Diante disso, no quadro abaixo, apresentamos os significados da palavra *rapariga*, que são usados em algumas regiões do Brasil.

Exemplo (5)

Quadro 01: Sentidos atribuídos à palavra *rapariga*

Rapariga		
Dicionário Aurélio (1988)	Dicionário Houaiss (2004)	Significados atuais retirados da internet (2015) ⁶
1. Brasil: mulher nova; moça.	1. Mulher adolescente; moça.	1. Na Amazônia: menina virgem, donzela.
2. Portugal: moça do campo.	2. Prostituta.	2. Na região sul: moça jovem de boa família.
		3. Região norte e nordeste: concubina geralmente sustentada por um homem casado.
		4. Região norte, nordeste e centro-oeste: prostituta.

Fonte: Elaboração própria

Notamos que no período de, aproximadamente, uma década e meia, houve uma alteração significativa nos sentidos atribuídos à palavra *rapariga*. Essas alterações de sentidos podem ser percebidas quando comparamos os dados localizados no dicionário Aurélio de 1988 e no dicionário Houaiss de 2004 (cf. quadro 01 deste texto). Dessa maneira, verificamos que em 1988 os sentidos da palavra *rapariga* estavam ligados à pureza de uma donzela; já em 2004, os sentidos sofreram alterações expressivas, passando a ter um teor pejorativo, que desqualifica as virtudes de uma moça. O dicionário de 2004, que foi analisado neste estudo, não indica as regiões brasileiras que utilizam o sentido pejorativo da palavra em questão; mas, de acordo com o registro encontrado na *internet*,⁹ em algumas regiões e em alguns estados brasileiros, como a região sul e a Amazônia, a palavra continua expressando o sentido de pureza de uma menina moça. Conforme pesquisa realizada, para os gancheiros¹⁰ (especialmente do município de Governador Celso Ramos, do estado de Santa Catarina) e para os luso-azorianos de outras regiões do litoral do estado de Santa Catarina, *rapariga* continua significando apenas o feminino de rapaz, sem nenhuma maldade.¹¹ Entretanto, em outras regiões como o norte, o nordeste e o centro-oeste, o sentido apresentado é o oposto, conforme podemos observar no quadro 01.

Diante disso, questionamos, quais são os motivos que levam essa mesma palavra a ter sentidos tão diferentes? Não é fácil apresentar uma resposta conclusiva a essa indagação, mas também não é impossível lançar uma explicação a esse questionamento. Nesse caso, depreendemos que os valores culturais adquiridos pelos falantes de dadas

⁸ Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/rapariga/>>; <<http://www.dicionarioinformal.com.br/rapariga/>> e <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=rapariga>>. Acesso em: nov/2015.

⁹ Consultar a nota de rodapé n. 6, deste texto.

¹⁰ Gancheiro é um canoieiro que movimenta a embarcação através de um gancho, o qual vai prendendo às margens do rio (em árvores, galhos, pedras, etc.). Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=o%20que%20C3%A9%20gancheiro%3F>>. Acesso em: 3 / fev/2016).

¹¹ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/rapariga/>>. Acesso em 3 / fev/2016.

comunidades influenciam na atribuição dos sentidos às palavras. Isto é,

a palavra *rapariga* tinha (e, em Portugal, ainda tem) o sentido de moça, mulher jovem; como muitos homens abastados de outrora tinham *raparigas* como concubinas, o português do Brasil passa a diferenciar moça (necessariamente virgem) de *rapariga* (que podia ou não ser virgem), ficando o termo *rapariga*, principalmente no Nordeste, quase como sinônimo de prostituta (GARCIA, 2001, p. 71).

Conforme Garcia (2001, p. 71), o termo *rapariga* era usado com o sentido de prostituta nas comunidades de falantes da região nordeste. Atualmente, esse sentido tem sido utilizado também na região norte e centro-oeste. Dessa forma, concluímos que a (i) mídia televisiva e a radiofusão; (ii) a internet e as redes sociais; (iii) as obras de artes divulgadas por meio da literatura; (iv) as letras de músicas; (v) as viagens que os brasileiros têm realizado em todo o país trocando experiências culturais; entre outros colaboradores, contribuíram e ainda continuam contribuindo para provocar mudanças nos sentidos das palavras da língua. Diante desses fatores, acreditamos que à medida que o tempo passa, o sentido pejorativo da palavra *rapariga* poderá se espalhar em todas as regiões do Brasil.

Por exemplo, na letra da música “Trenzinho da sacanagem”,¹² conforme pesquisa realizada, verificamos que a palavra *rapariga* apresenta o seguinte sentido, mulher que quer namorar, a procura de satisfazer os seus desejos sexuais e também disposta a satisfazer os desejos dos homens.

Quadro 02: Música que apresenta as palavras *rapariga*, *raparigueiro* e *raparigar*.

*Trenzinho da sacanagem*¹³

*Quer ir mais eu, vamos eu tô saindo agora.
E no trenzinho da sacanagem que eu já vou embora.
Eu sou cabra raparigueiro, nasci pra raparigar.
Raparigar é minha vida, eu nasci pra raparigar.
A cachaça fica boa quando chega a rapariga e no forró da rapariga
todo mundo vai dançar.
Quer ir mais eu, vamos eu tô saindo agora.
E no trenzinho da sacanagem que eu já vou embora.
E quando a festa fica boa os homens vivem bebendo.
Tem rapariga doidona, tem rapariga bebendo.
Tem rapariga doidona, tem rapariga querendo.
Tem rapariga doidinha pra se agarrar.
Tem rapariga chorando, tem rapariga assanhada.
E no forró da rapariga todo mundo vai dançar.*

Fonte: Elaboração própria

¹² Pesquisas apontam que essa música foi tocada pelas bandas Saia Rodada, Garota Safada e Grafith em muitos festivais de verão, em 2014.

¹³ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/saia-rodada/740494/>. Acesso em: 8/fev/2016.

A presença das palavras, *raparigueiro* e *raparigar*, na letra da música apresentada no quadro acima, despertou o nosso interesse pela composição musical. Observamos que as palavras *raparigueiro*¹⁴ e *raparigar* (verbo) derivam do substantivo *rapariga*. A partir dos estudos realizados até o momento, constatamos que os valores culturais em relação à figura da mulher contribuíram para que os sentidos da palavra *rapariga* sofressem alterações, e certamente, esses valores também contribuíram para a criação das palavras *raparigueiro* e *raparigar*. Portanto,

[...] a língua tem que dar conta de representar tudo o que a cultura contempla, pois tudo o que pensamos e fazemos deve, de alguma forma, poder ser representado pela língua que falamos. Se é assim, a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressões adequadas" (FERRAREZI JR., 2013, p. 74 – grifos do autor).

Podemos constatar o registro dessas palavras, *raparigueiro* e *raparigar*, no dicionário informal *online*,¹⁵ conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro 03: Sentidos das palavras *raparigar* e *raparigueiro*.

Raparigar	Raparigueiro
1- Ir às festas, sair, se divertir, tomar umas <i>smirnoffes</i> .	1- Homem que não resiste a um rabo-de-saia.
2- Ato de sair em busca de <i>muié</i> ou pegar umas <i>raparigas</i> .	

Fonte: Elaboração própria

Na cultura contemporânea, em muitas regiões do Brasil, a mulher não é mais vista como nos anos de 1960. Com a revolução feminista, as mulheres começaram a lutar pelos seus direitos de igualdade (cf. SILVA, 2010). Até 1960, as mulheres viviam em um regime rígido, submissas aos seus maridos e aos seus pais, sendo o sexo um assunto para ser discutido e vivido depois do casamento. Em alguns casos, elas, ainda hoje, vivem em um regime, extremamente, rigoroso; submissas aos seus maridos e sem liberdade. Mas, conforme mencionado, na atualidade, temos acompanhado que as mulheres estão mais livres e menos dependentes (cf. SILVA, 2010). No entanto, a sociedade brasileira ainda insiste em manter viva a questão do machismo, sendo a desvalorização da mulher uma das maneiras de demonstrar a sua existência. Portanto, parece-nos que a mudança de sentido da palavra *rapariga* e a criação de novas palavras com sentidos pejorativos, a partir da palavra em questão; contribuíram e continuam contribuindo para manter viva essa concepção cultural machista em relação à figura feminina.

Acreditamos que a letra da música *Trenzinho da Sacanagem* pode auxiliar na divulgação dos sentidos depreciativos do termo *rapariga* e com isso fortalecer esses

¹⁴ No caso da letra da música "Trenzinho da sacanagem", observamos que a palavra *raparigueiro* pertence à categoria gramatical dos adjetivos.

¹⁵ Informações obtidas no dicionário informal de Língua Portuguesa; disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/raparigar/>>; e <<http://www.dicionarioinformal.com.br/raparigueiro/>>. Acesso: nov/2015.

sentidos vulgares e negativos. Isso se explica pelo poder que a mídia tem de divulgar a produção cultural que se faz em um país.

Levando em conta a discussão realizada a respeito da palavra *rapariga*, concluímos que em aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica, a temática sobre a variação de sentidos de uma mesma palavra poderia ser alvo de discussão, com os alunos. Nesse caso, o professor poderia propor uma pesquisa aos estudantes. Ou seja, os discentes seriam levados a buscar por outros termos lexicais que também sofreram ou sofrem alterações de sentidos. Por meio dessa atividade, os alunos verificarão que fatores culturais ou histórico-culturais poderão influenciar nos sentidos que são atribuídos a determinadas palavras que são utilizadas por nós, falantes. Essa proposta de atividade/pesquisa, possivelmente, aproximará os alunos das aulas de Língua Portuguesa.

A partir dos estudos realizados, observamos que eventos de implicação ideológica também influenciam na elaboração de produções textuais (poemas, letras de músicas, histórias em quadrinhos, charges, etc). Por exemplo, no Brasil, no período do Regime Militar, muitos artistas fizeram uso de letras de músicas (canções) para expressar a concepção de mundo de um povo oprimido (cf. BAKTHIN, 2006, p. 18). Ou seja, no período do Regime Militar, alguns artistas e intelectuais brasileiros expressaram, por meio de composições musicais, seus pensamentos, seus sentimentos e suas opiniões a respeito do que acontecia, naquele momento, no contexto brasileiro. Essa ocasião ficou conhecida na história do Brasil por causa da execução de diversos atos institucionais, que contribuíam para realizar ou fortalecer a censura, a perseguição política, a extinção de direitos constitucionais, a falta de democracia e a punição àqueles que não eram a favor do regime militar. Desse modo, várias pessoas passaram a ser perseguidas e viviam sob vigilância constante, não podiam se expressar com liberdade sobre determinados assuntos que diziam respeito à sociedade em que viviam.

Com base no exposto, observamos que várias composições musicais antigas ainda hoje fazem sucesso em nosso país; mas, atualmente, muitos jovens, por exemplo, não compreendem os sentidos metafóricos que são expressos nessas composições. Você deve estar se perguntado, por que alguns jovens têm dificuldades de compreender essas canções, não é? Antes, vale ressaltar que, neste texto, não entendemos a metáfora como “uma transferência de sentido de uma coisa para outra” (FOSSILE, 2014, p. 159), mas sustentamos, com base em Leezenberg (2001), que a metáfora é um fenômeno que deriva de contextos mais amplos e do seu próprio conteúdo semântico e está associada a um uso e a um contexto específicos (FOSSILE, 2014, p. 161).

Como resposta ao questionamento apresentado, argumentamos com base no discurso de alguns profissionais da área da educação, que o conteúdo ideológico presente em alguns textos contribui para que alguns jovens (alunos) encontrem dificuldades para interpretá-los. Nesse caso, sugerimos que o aluno seja levado a identificar e a analisar as implicações ideológicas que influenciaram ou influenciam na produção de um texto, que pode ser uma canção, um romance, uma poesia ou qualquer outro escrito (sobre implicações ideológicas na elaboração de produções textuais e atribuição de sentidos cf. também FERRAREZI JR., 2013, pp. 77-78).

Levando em conta o exposto, apresentamos, no quadro a seguir, a letra da música *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso. Na sequência, propomos uma possível interpretação a alguns trechos ou versos da música em questão, para tanto levamos em conta

aspectos/conhecimentos históricos, sociais e culturais da época da Ditadura Militar e também da Guerrilha do Araguaia, pois essa música foi lançada em 1967; e no Brasil, a partir de 1964 a 1985 acontecia a Ditadura Militar; já, no final da década de 1960 e na primeira metade da década de 1970 ocorria a Guerrilha do Araguaia.¹⁶ Salientamos que há disponíveis, na web, várias versões¹⁷ analíticas dessa música; porém, conforme mencionamos, aqui, pretendemos apresentar a essa canção apenas uma possível interpretação, objetivando mostrar que conteúdos de implicações ideológicas (políticas, religiosas, éticas, morais, filosóficas, sociais) interferem e influenciam na atribuição de sentidos às palavras, às expressões e aos textos de uma língua.

Exemplo (6)

Quadro 04: Letra da música: Alegria, Alegria.

*Alegria, Alegria*¹⁸
(Caetano Veloso)

*Caminhando contra o vento
Sem lenço, sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou*

*O sol se reparte em crimes,
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou*

*Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e brigitte bardot*

*O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou*

*Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não*

*Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço, sem documento,
Eu vou*

*Eu tomo uma coca-cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou*

*Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome sem telefone
No coração do brasil*

*Ela nem sabe até pensei
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou*

*Sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo, amor
Eu vou
Por que não, por que não..*

Fonte: Elaboração própria

¹⁶ A Guerrilha do Araguaia foi um episódio que aconteceu, no Brasil, durante a Ditadura Militar.

¹⁷ Versões formais e informais.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/alegria-alegria.html>> Acesso em: 08/fev/2016.

Essa canção foi lançada em 1967, período em que a Ditadura Militar estava em pleno vigor no Brasil, foram os chamados *anos de chumbo*. Muitos artistas, como o próprio Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Taiguara, Chico Buarque, Gilberto Gil foram obrigados a se exilarem para fugirem das perseguições dos militares. Nesse período, além desses artistas, vários outros cantores, compositores e escritores de literatura tiveram suas obras censuradas pelo órgão de repressão do governo militar, a Divisão de Censura de Diversões Públicas (doravante DCDP).¹⁹

A letra da música, exposta no quadro 04, apresenta metáforas, as quais sugerem sutilmente o que acontecia no país no período da Ditadura Militar, e retratam o sentimento vivenciado por alguns artistas e intelectuais brasileiros daquela época. Como podemos acompanhar, a canção inicia com uma metáfora *Caminhando contra o vento/Sem lenço, sem documento*. Esses versos de sentido metafórico transmitem que pessoas caminhavam e lutavam contra o Regime Militar, isto é, contra as imposições do governo, a falta de liberdade de expressão, que na maioria das vezes obrigava aos cidadãos que discordavam do regime militar a viverem na clandestinidade.

Quando Caetano Veloso compôs a letra dessa canção, é possível sugerir que o compositor²⁰ estivesse fazendo referência ao movimento organizado pelo Partido Comunista do Brasil (doravante PCdoB), da região central do país, das divisas dos estados do Pará, norte de Goiás (hoje, o estado do Tocantins) e Maranhão. Ou melhor,

a Guerrilha do Araguaia teve início com o ajuntamento de homens e mulheres, em sua maioria, jovens com menos de 30 anos de idade, em mata amazônica na região do Araguaia, na tríplice fronteira de norte de Goiás (atual Tocantins), Leste do Pará e Oeste do Maranhão (BRAUCKS, BARZOTTO, 2014, p. 148).

¹⁹ O órgão da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) era o responsável por censurar as produções culturais que contrariavam as doutrinas militares. Por exemplo, para aprovar a letra de uma música, de um programa de televisão era necessário enviar o(s) material(is) para o DCDP. Esse órgão examinava como os bons costumes e a crítica política contra o regime militar eram abordados nesse(s) material(is). O produto cultural só podia ser divulgado para o público brasileiro, depois que o DCDP aprovava o produto. Disponível em: < <http://governo-militar.info/ditadura-militar.html> >. Acesso em: 18/ago/2015.

²⁰ Reforçamos que estamos propondo apenas uma possível interpretação a alguns versos da canção Alegria, Alegria. Além disso, sabemos que a música foi lançada em 1967 e a Guerrilha do Araguaia aconteceu no final da década de 60, sendo 1972 apontado como o ano de início do movimento. Porém, é certo concordamos que esses movimentos são sempre precedidos por prévia(s) organização(ões). Isso não significa que antes de 1972, os preparativos para a eclosão da Guerrilha do Araguaia não estivessem sendo organizados e sendo executados de forma tênue. Com o propósito de garantir que ações de luta desse movimento ocorreram antes de 1972, salientamos que em um texto recente - (publicado em 10 de outubro de 2015, sob o título: Guerrilha do Araguaia debanda para o palco, disponível no site: <<http://www.folhavoria.com.br/entretenimento/noticia/2015/10/guerrilha-do-araguaia-debanda-para-o-palco.html>>. Acesso em: 15 de fev. de 2016) - localizamos a informação de que em 1967, isto é, nos anos iniciais da Ditadura Militar no Brasil, a região entre os estados do Pará e do Tocantins foi palco de batalha, pois uniu 70 guerrilheiros contra cinco mil homens do Exército. Essa informação reforça que ações de luta da Guerrilha do Araguaia aconteceram antes de 1972.

No mapa abaixo estão localizadas as regiões em que o movimento ocorreu:

Quadro 05: Bacia do Tocantins (Araguaia).



Fonte: Imagem retirada do texto: “Uma narrativa contra o esquecimento: a história da guerrilha do Araguaia (1972-1975) em azul-corvo, de Adriana Lisboa”. (BRAUCKS, BARZOTTO, 2014, p. 149).

Por meio desse movimento, os militantes do partido objetivaram iniciar uma revolução popular para destituir o governo militar e implantar o partido comunista no Brasil (MORAIS; SILVA, 2011, p. 48; BRAUCKS, BARZOTTO, 2014, p. 149). Essa ação, pensada ou organizada pelo PCdoB, apresentava algumas características dos movimentos que vinham acontecendo na América Latina. Neste cenário, os guerrilheiros embrenharam-se na zona rural, em pontos estratégicos, de difícil acesso, conquistavam a população rural e passavam a contar com o apoio dessas pessoas para realizar ataques contra o governo vigente (MORAIS; SILVA, 2011, p. 36; BRAUCKS, BARZOTTO, 2014, p. 150).

No Brasil, no caso da Guerrilha do Araguaia, o PCdoB procurou dar apoio e suporte para a execução do movimento guerrilheiro. Na concepção do movimento, “a mata fechada do Araguaia protegeria os militantes e tornaria inútil a artilharia pesada das Forças Armadas. A caça abundante e outros alimentos extraídos da selva [...] facilitariam a sobrevivência dos guerrilheiros” (MORAIS; SILVA, 2011, p. 37).

Vários artistas tinham informações privilegiadas sobre a política e os movimentos esquerdistas, que lutavam contra os governos opressores vigentes. Deduzimos, dessa maneira, que os versos de valor metafórico *Caminhando contra o vento/Sem lenço, sem documento; Nada no bolso ou nas mãos; Por entre fotos e nomes/Sem fome sem telefone/No coração do Brasil*, podem retratar a luta do movimento esquerdista do PCdoB, que aconteceu na época da Ditadura Militar. É possível observar nesses versos metafóricos praticamente todo o contexto histórico da Guerrilha do Araguaia. Estudantes e profissionais liberais clandestinos, entre eles estavam homens e mulheres, que chegaram à região norte *sem lenços e sem documentos, sem nada no bolso*

ou nas mãos, pois com isso almejavam evitar a sua própria identificação; uma vez que estavam sendo perseguidos e procurados (por meio de fotos e nomes) pelo Regime Militar. Por isso, usavam documentos falsos e codinomes para habitar a região e para organizar os preparativos para o desfecho do movimento.

Esses homens e mulheres estavam *sem fome, sem telefone, no coração do Brasil*. Depreendemos que embora fossem obrigados a viverem escondidos, não passavam fome, porque se alimentavam das caças e de vegetais obtidos na floresta. Viviam sem telefone, pois ainda não existia na floresta amazônica esse meio de comunicação. Parece-nos que a metáfora expressa pelo verso, *No coração do Brasil*, indica exatamente a região em que o movimento esquerdista do PCdoB agia; mais especificamente, indica o norte de Goiás (atual Tocantins), leste do Pará e oeste do Maranhão; região localizada na parte central do Brasil, isto é, no coração do Brasil (cf. quadro 05, deste texto).

O compositor utiliza algumas metáforas para criticar o consumo de produtos importados. Isso é sugerido pelo verso *Eu tomo uma Coca-Cola*. À primeira vista, esse verso parece desconexo, mas o autor por meio dele faz uma crítica à importação de produtos norte-americanos, que financiavam as guerras e as campanhas para manter sua hegemonia.²¹

Também notamos que por meio dos versos, *Em cardinales bonitas/Eu vou; Em dentes, pernas, bandeiras/Bomba e brigitte bardot*, o autor critica aos governos que procuravam alienar a população por meio dos programas televisivos, tal como, através de filmes importados da Europa. Enquanto a mídia conquistava o povo com os belos rostos e corpos das atrizes europeias, como Claudia Cardinale (italiana) e Brigitte Bardot (francesa), o Brasil estava vivendo em guerra. Entretanto, nada disso era divulgado pela mídia, a qual era controlada pelo órgão repressor DCDP, por isso apenas programas que não prejudicassem aos interesses do Regime Militar eram transmitidos.²²

Conforme já salientamos, tentamos apresentar apenas uma possível interpretação a alguns versos da música em questão, pois nosso objetivo maior foi mostrar que conteúdos de implicações ideológicas (políticas, religiosas, éticas, morais, filosóficas, sociais) interferem e influenciam na atribuição de sentidos às palavras ou aos textos de uma língua. Logo, concluímos que conteúdos de implicações ideológicas contribuem para constituir os sentidos de determinadas passagens ou de dados versos da letra da música *Alegria, Alegria*. Ou melhor, depreendemos que a interpretação dessa canção dependerá do conhecimento de questões culturais, históricas e sociais do período do Regime Militar, tal como da Guerrilha do Araguaia; caso contrário, encontraremos dificuldades para realizar a interpretação dessa canção.

De acordo com a discussão realizada, a partir da letra da música, *Alegria, Alegria*, sugerimos que, em dadas situações, os professores da Educação Básica de variadas áreas de estudos como História, Filosofia, Sociologia, Religião e Artes poderão trabalhar em parceria. Isto é, os docentes poderão realizar em suas aulas, atividades com letras de músicas que apresentam conteúdos de implicações ideológicas (políticas, religiosas, éticas, morais, filosóficas), levando os alunos a perceberem que aspectos

²¹ Algumas análises localizadas na *web* também tentam apresentar a esse(s) verso(s) uma interpretação semelhante a que é exposta neste texto.

²² Conferir nota de rodapé 19.

culturais, sociais, históricos interferem na construção dos sentidos, que são atribuídos às palavras e às expressões que constituem a letra de uma canção ou de qualquer outro texto. São muitas as perspectivas de trabalho com a SC, cabe ao professor selecionar material adequado e instigar os alunos a participarem das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, concluímos que a SC oferece oportunidades para desenvolvermos estudos a respeito da atribuição de sentidos às palavras e às expressões da língua. Em outras palavras, a SC contribui, especificamente, para que possamos entender que os aspectos culturais de uma dada comunidade linguística podem interferir e influenciar na constituição dos sentidos que são submetidos às palavras/expressões da língua.

[...] a língua [...] é uma construção humana e, por isso, faz parte da cultura. Só que, ao mesmo tempo que faz parte de uma cultura, a língua ajuda a construí-la. [...] a SC tem um enfoque muito marcante no uso real, vivo, verdadeiro de uma língua natural por seus falantes. É uma abordagem que valoriza a amplitude da relação entre a língua que falamos e a nossa vida, no sentido mais amplo desta palavra. Ela se interessa, por exemplo, pelas razões pelas quais um simples "Bom dia!" pode ser uma saudação para uma pessoa e uma ofensa para outra, estando ambas na mesma sala, no mesmo momento, sendo da mesma comunidade e falantes da mesma língua (FERRAREZI, 2013, pp. 74-75, grifos do autor).

Também observamos que na SC, os aspectos culturais de uma comunidade linguística são valorizados, e isso contribui, essencialmente, para que a cultura dessa comunidade se mantenha viva. No que diz respeito à Educação Básica, entendemos que a aplicação pedagógica da SC é relevante e significativa, pois auxilia no ensino da língua materna, reconhecendo e valorizando, principalmente, os aspectos linguísticos e culturais que o discente tem.

Por ser uma vertente em que os estudos são recentes e as propostas pedagógicas ainda limitadas, a SC apresenta inúmeras possibilidades de pesquisas com a perspectiva de auxiliar na compreensão do que é língua, cultura, constituição de sentidos, ou melhor, auxilia na compreensão de como surgem os sentidos que são atribuídos às palavras ou às expressões da língua.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 12. ed. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRAUCKS, Noraci Cristiane Michel; Barzotto, Leoné Astride. Uma narrativa contra o esquecimento: a história da guerrilha do Araguaia (1972-1975) em azul-corvo, de Adriana Lisboa. **Revista Memorare**, Tubarão, v. 1, n. 2, pp. 142-156, jan./abr. 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura, política e política cultural**. São Paulo: Estudos avançados, 1995.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- FERRAREZI Jr., Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. Metáfora e função de registro: a visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais. **Revista Linha d'Água**, v. 25, n. 1, pp. 67-86, 2012.
- _____. **Introdução a Semântica de Contextos e Cenários**: de la langue à la vie. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2010.
- _____. Semântica Cultural. In: FERRAREZI Jr., Celso; BASSO, Renato (orgs.) **Semântica, semânticas**: uma introdução. Contexto, pp. 71-87, 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1. ed., 4. impr. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A, 1988.
- FOSSILE, Dieysa Kanyela. Metáfora: alunos do ensino fundamental e professores em formação inicial encarando uma cilada que captura os significados. In: SILVA, Wagner Rodrigues; SANTOS, Janete Silva dos; MELO, Márcio Araújo de (orgs.). **Pesquisas em Língua(gem) e Demandas do Ensino Básico**. Campinas, SP: Pontes, pp. 157-183, 2014.
- _____. Parece que as coisas estão mudando: aos poucos a semântica começa a aparecer nos livros didáticos de língua portuguesa. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 16, n. 2, pp. 393-414, jul./dez. 2013.
- GARCIA, Afrânio. Semântica Histórica. **SOLETRAS**, Ano I, n. 02. São Gonçalo: UERJ, pp. 61-75, jul./dez. 2001.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LEEZENBERG, M. **Contexts of metaphor**. Amsterdam, Elsevier, 2001.
- MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. **Operação Araguaia**: os arquivos secretos da Guerrilha. São Paulo: Geração editorial, 2011.
- MOURA, Heronides. **Vamos pensar em metáforas?** São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2012.

OLIVEIRA, Helen I.B. de. **Aspectos socioculturais e semânticos na tradução dos fraseologismos em dicionários bilíngues**. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, Roberta Pires. Semântica. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed., v. 2. São Paulo: Cortez, pp. 17-46, 2003.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, v. 30, n. 3, setembro de 2010, pp. 556-571. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282021784009> >. Acesso em: 09 de fev. de 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.